



POR UMA HISTÓRIA AMBIENTAL PLANETÁRIA

Towards a planetary environmental history

ENTREVISTADO

Donald Worster^a

E-mail: dworster@ku.edu

^a Kansas University, USA/Renmin University, China.

ENTREVISTADORES/AS

Elenita Malta Pereira^b

 <https://orcid.org/0000-0001-9835-391X>

E-mail: elenitamalta@gmail.com

Denis Henrique Fiuza^c

 <https://orcid.org/0000-0003-4353-4726>

E-mail: dfiuzahistoria@gmail.com

Sara Rocha Fritz^d

 <https://orcid.org/0000-0002-6425-9711>

E-mail: sarafritz248@gmail.com

^b Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de Ciências Humanas, Curso de História, Rondonópolis, MT, Brasil.

^c Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, SC, Brasil.

^d Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, SC, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História ambiental global. Historiografia ambiental. Donald Worster.

KEYWORDS: Global environmental History. Environmental historiography. Donald Worster.

Donald Worster é um historiador estadunidense, doutor em História pela Universidade de Yale (1971), um dos fundadores e mais importantes historiadores do campo da história ambiental. Worster passou a ocupar o cargo de Hall Distinguished Professor of American History da Universidade do Kansas, em 1989. Em 2009, ele foi nomeado para a Academia Americana de Artes e Ciências. Após se aposentar da Universidade do Kansas, em maio de 2012, tornou-se Especialista Estrangeiro Ilustre e Professor Sênior da Escola de História da Universidade Renmin da China. Entre 2011 e 2013 foi Fellow do Centro Rachel Carson para Meio Ambiente e Sociedade da LMU Munique, Alemanha.

Worster tem sido particularmente ativo na construção e promoção do campo da história ambiental. Ele atuou como fundador e presidente da Sociedade Americana de História Ambiental (1980-1982), faz parte de vários conselhos editoriais e deu aulas e palestras, para além dos Estados Unidos, em vários países da África, da Ásia, da Europa, da América Central, assim como no Canadá, Nova Zelândia e Austrália.

Worster é autor de uma vasta obra, de crucial importância para a história ambiental global. Em seu primeiro livro, *Nature's Economy*, fruto da tese de doutorado, traçou um histórico das ideias ecológicas no mundo ocidental. Worster também escreveu biografias de sujeitos engajados com a proteção da natureza, tratou as mudanças na paisagem provocadas pelos desastres socioambientais no Oeste dos EUA, o tema da água e da agricultura nesse contexto. Sua obra é incontornável para todos os interessados em compreender as inter-relações entre humanos e natureza em âmbito histórico global.

A entrevista foi realizada de forma online via App Zoom, em 25/04/2023, com a duração de 2 horas. Worster estava na costa Oeste dos Estados Unidos, na cidade de Corvallis, no estado de Oregon. Os três entrevistadores se encontravam no Brasil.

Nossa intenção foi abranger aspectos importantes da trajetória do entrevistado: a fundação do campo da história ambiental, nos anos 1970, com outros pesquisadores; a discussão sobre suas obras; a sua visão política sobre o campo.

Agradecemos a generosidade do professor Worster, do alto de seus 81 anos, ao nos brindar com tanta sabedoria nessa entrevista que agora compartilhamos com o público da Esboços. Acreditamos que suas palavras podem ser muito inspiradoras tanto para os estudantes que ainda não definiram qual o campo seguir na história, quanto para quem já está inserido na discussão da história ambiental. Boa leitura.

ENTREVISTADOR 1: Professor, poderia nos falar mais sobre seus dados biográficos? Onde você nasceu? Como era a paisagem com a qual você conviveu quando criança? Você se recorda de algum episódio especial de relação com a natureza local? Nos anos 1960, por que escolheu cursar História?

WORSTER: Devo começar dizendo que sou um homem velho, tenho 81 anos, completados no ano passado. Nasci, portanto, antes do bombardeio japonês de Pearl Harbor no Havaí, em uma pequena cidade no deserto de Mojave, no sul da Califórnia, às margens do rio Colorado, onde fica o Grand Canyon. Las Vegas fica logo ali, mas meus pais estavam lá como refugiados ambientais das Grandes Planícies da América do Norte, que no final da década de 1930 até quase a época do meu nascimento (1941), sofreu uma das catástrofes ambientais mais graves do mundo, principalmente erosão eólica, tempestades de poeira, colapso agrícola e econômico.

Meus pais tinham origem na classe trabalhadora rural do estado de Kansas, que fica bem no centro da América do Norte, algumas pessoas dizem que é um ponto morto, é muito chato, mas eu amo esse lugar. Cresci nessa pequena cidade no deserto, mas voltei com a

minha mãe e depois meu pai, para as Grandes Planícies, onde vivemos com os meus avós por muitos anos. Eles também eram de origem rural pobre, de pequenos agricultores, e antes disso, de imigrantes das Ilhas Britânicas: Escócia, País de Gales, Inglaterra.

Quando eu cresci no Kansas já era o final da década de 1940, 1950, para a maioria das pessoas, esse foi um tempo de voltar ao que pensavam ser normal, uma vida normal, uma economia normal, uma prosperidade normal, uma religião normal, o que quer que seja, houve um retorno das chuvas, o fim do que foi a seca mais severa em centenas de anos.

O presidente dos EUA era um dos nossos compatriotas, do Kansas, Dwight David Eisenhower. Aqueles para muitas pessoas foram os anos felizes, especialmente os anos 1950, eu estava na escola, me formando no Ensino Médio no final daquela década. Mas para mim eles não foram tão felizes, foram atormentados por muitas coisas, minha família nunca teve muito dinheiro, isso era uma das coisas, mas eles foram especialmente atormentados para mim pelo desenvolvimento de uma asma severa, problemas respiratórios. Eu descobri que era alérgico à natureza, a natureza me faz mal, me deixou muito doente naqueles anos, estou falando de poeira em geral, sempre havia muita poeira soprando, estou falando de algumas plantas como ambrósia, que me devastaram, mas estou falando especialmente da poeira que veio da colheita e do trigo maduro. O trigo é a grande cultura do Kansas e eu descobri que era alérgico a ele, isso me colocou no hospital várias vezes quando era um garotinho.

Então para mim a natureza era, ao mesmo tempo, um lugar que eu ia para escapar da família, das pressões sociais, para fugir e ser eu mesmo, para ler, era um lugar de deleite - amo aquelas grandes planícies e o céu enorme e assim por diante, os rios passando, é basicamente uma pradaria, pradaria nativa. Mas também aprendi que a natureza pode nos matar, e muitas vezes o faz, e nunca esqueço desse fato. Eu sou um historiador ambiental, amo a natureza, quero trazer a natureza e todas as coisas da natureza para o estudo da História, mas tenho que dizer desde o início que a natureza nem sempre é nossa amiga, a natureza pode ser uma força devastadora nas nossas vidas.

Passei na década de 1950, particularmente em 1954, por uma nova tempestade de poeira. Eu estava na escola e no meio da manhã a professora parou a aula e a escola toda fechou, mandaram todos nós irmos para casa, porque uma tempestade de poeira imensa, uma milha de altura de poeira soprando, rolando, estava vindo para a nossa cidade, então todos nós corremos o mais rápido que podíamos e durante a noite toda a poeira continuou soprando, entrou na nossa casa, até dentro do congelador, tinha poeira em nossos travesseiros, eu estava engasgando e tossindo com esse evento.

Então passei por tempestades de poeira, eu sei o que é a erosão severa do solo, não gosto disso e não quero ver nunca mais, mas ainda está acontecendo de alguma forma. Na década de 1960, fui para a Universidade do Kansas cursar a graduação e depois fiz minha pós-graduação em História na Universidade de Yale, que fica na Nova Inglaterra, uma famosa Ivy League, que tinha um ótimo corpo docente de História em termos convencionais. Quando eu cheguei em Yale em 1966 - fiquei lá de 1966 até 1971 - , quase não havia interesse em questões ambientais, nenhum, eu nem tinha certeza se mesmo estava interessado nisso, mas fiquei impressionado com coisas lá que me pareceram muito estranhas, as florestas ainda me parecem coisas muito estranhas. Não existia floresta onde eu cresci e não tinha nada além de florestas na Nova Inglaterra.

Água, tinha muita pouca água passando na minha cidade no deserto ou nas grandes planícies, mas quando eu cheguei na Nova Inglaterra, em New Haven, em Connecticut, em Boston, em Nova Iorque, a água estava por toda parte, especialmente na primavera, ela fluía da terra e tudo ficava alagado, tudo era lama, isso foi extremamente estranho para mim e eu pensava, "por que alguém moraria em um lugar assim?". Bom, é claro, havia sido a casa de civilizações imperiais estabelecidas por centenas de anos, grandes cidades

coloniais e tudo mais, mas para mim foi um choque e me ajudou a começar a pensar sobre o papel que o ambiente desempenha em quem somos, e nos tipos de economia, de modos de vida e alimentos que comemos. Esse foi o início da minha educação, mas não veio em sala de aula, de jeito nenhum.

Nos anos 1960, viu-se o início de um forte movimento de proteção ambiental nos Estados Unidos, influenciado por pessoas como Rachel Carson, Aldo Leopold, Paul Ehrlich, Barry Commoner. Estou falando aqui da América do Norte, foi um momento quase radical na história dos Estados Unidos para a proteção ambiental, e não estava muito envolvido nisso, mas estava lendo pessoas como Henry David Thoreau, o escritor da natureza do século XIX, e eu compartilhava as opiniões que muitas dessas pessoas tinham no anos 1960, que essa civilização tecnológica que tínhamos construído era em si um perigo, também poderia nos matar, através da radiação atômica, dos pesticidas, ela também pode nos desumanizar, e ela também estava destruindo a saúde ecológica no planeta para todas as coisas vivas. Então isso foi uma espécie de choque para mim, como um garoto de fazenda do grande Oeste, mas eu entendi o que era, porque acho que o próprio Dust Bowl era uma face dessa civilização tecnológica.

ENTREVISTADOR 3: A minha primeira pergunta é sobre algo que você já falou um pouco, a sua aproximação com a temática ambiental, como foi isso? Você estava na faculdade quando *Silent Spring* [Primavera Silenciosa] (CARSON, [1962] 2010) foi publicado, não é? Qual era o contexto da época? Nos anos 1970, com a intensificação do debate, você participou de movimentos ambientalistas na época ou depois?

WORSTER: Sim, já mencionei isso até certo ponto, os anos críticos para mim foram os meus anos de pós-graduação, no doutorado em História. Eu fui para Yale para estudar história americana, era o que fazíamos na época, não pensei nada sobre qualquer outra coisa. Achei que poderia estudar história britânica também, o que fiz, eu era muito interessado nas conexões anglo-americanas, mas, como disse, me percebi vivendo em um ambiente físico, material, ambiental radicalmente diferente, essa abundância de algumas coisas com as quais eu não estava acostumado. Mas havia um problema com a História, como comecei a perceber em Yale. Naquela época Yale era provavelmente considerada em muitos lugares como tendo o melhor departamento de História do mundo, eu não estou exagerando, acho que era cheio de professores excepcionais, e eles não eram pessoas acríticas, eles eram altamente críticos de muitas coisas. Mas havia um problema com a História que eles estavam ensinando e como eu estava experienciando, não havia terra, não havia água, não havia seca, nem clima, não havia plantas ou animais, não havia pólen, nem doença, era tudo História Intelectual e História Cultural.

Tive aulas com o grande C. Vann Woodward, provavelmente o maior historiador do sul da América em todo o século XX, ele estava escrevendo livros sobre a ideia de um "novo Sul" sobre as leis de Jim Crow, segregação racial e injustiça, mas ele estava escrevendo do ponto de vista das ideias, majoritariamente.

Eu estava tendo aulas com pessoas como Edmund Morgan, um dos grandes historiadores coloniais americanos, de Boston, que ensinava história colonial americana, Nova Inglaterra, puritanismo, ideias de religião, o poder da religião e comércio, seu último grande livro foi sobre Ben Franklin (MORGAN, 2002), mas antes disso ele escreveu um livro chamado "Escravidão Americana, Liberdade Americana" (MORGAN, 1975), mais uma vez, era sobre a história cultural dessas ideias, escravidão e liberdade na mesma sociedade, comunidade, tópicos importantes, quero dizer, esses caras estavam passando por uma reviravolta. Eles estavam refletindo em seu trabalho a Guerra do Vietnã, o Movimento dos Direitos Civis, o movimento das mulheres, a guerra contra a pobreza, assim como a maioria dos meus colegas estudantes de pós-graduação. Mas a maioria dos

estudantes rebeldes ao meu redor naquela época e os professores não tinham conhecimento ou interesse no mundo não humano. Nenhum, todos eles vieram de grandes cidades, não tinham ideia do que eu estava falando, eles costumavam rir de mim e dizer "você está interessado em escrever sobre a história dos ursos?" Eles pensaram que era simplesmente incrível que alguém pudesse estar, e eu disse "é isso mesmo, isso aí". Os ursos também merecem um pouco de história.

Em 1970, ano do primeiro Dia da Terra, havia muito pouco interesse ambiental em Yale, na verdade, nem consigo me lembrar de nada acontecendo no primeiro Dia da Terra de 1970 no meu campus, talvez eu simplesmente não estivesse prestando atenção, mas não havia movimentos ambientais lá antes da década de 1970 que eu pudesse ver e até depois. Saí em 1971 e, se aconteceu, foi depois disso. Então eu estava tentando criar um novo tipo de História que não existia na minha sala de aula, que não existia para meus professores e meus colegas. O que descobri em Yale foi incrivelmente poderoso e importante para mim e o que recebi na educação de Yale foi importante, mas devo dizer também que descobri a pobreza da esquerda, da direita, do centro, na política na América e em outros lugares, a pobreza de nossa imaginação, a pobreza de nosso conhecimento. Havia uma Velha Guarda e havia os Novos Radicais, mas ambos eram completamente indiferentes e ignorantes sobre o mundo não-humano. Não tinha agência histórica, nenhuma, não tinha preocupação moral, estava completamente ausente como contexto para vida humana, simplesmente não estava lá como vida humana. Então foi muito insatisfatório para mim, além de ser muito estimulante e assim por diante. Falo isso não para ser hostil ou ingrato com meus professores, mas apenas me surpreendeu como um estudante de pós-graduação pensando que deveria haver mais na História.

Pelo que aprendi enquanto crescia, havia desertos e eles importavam, havia tempestades de poeira e elas importavam, havia plantas e animais neste planeta e eles importavam, havia rios e eles importavam muito. Essas pessoas tomaram tudo como garantido, apenas se tornou invisível, invisível para eles. Então, foi assim que saí da pós-graduação, determinado a tentar descobrir algo novo, e meus colegas estudantes de pós-graduação riram um pouco disso, mas depois muitos deles vieram dizer: "Don, acho que você estava no caminho certo, desculpa, fomos um pouco rudes com você". Um deles chegou a escrever uma boa biografia da Rachel Carson¹. Então, isso acontece, mas eles não estavam lá ainda, você poderia ir ao Museu de História Natural, um dos melhores em um campus universitário em qualquer lugar nos Estados Unidos, bem ali em New Haven no campus de Yale, e ver dinossauros, ossos e restos de plantas e assim por diante, isso era História para mim, isso era História também, mas o Departamento de História não reconhecia isso e, em grande parte, eles ainda não reconhecem. Essa é a coisa triste com a qual eu tenho que acabar, eles ainda não reconhecem. Ainda estamos lutando, estamos ganhando por toda parte, mas alguns desses lugares mais antigos são tão arraigados em seus modos, tão tradicionais, mesmo que estejam escrevendo sobre a escravidão do ponto de vista dos escravizados, eles são tradicionais em alguns aspectos. Eles podem escrever um livro inteiro sobre algodão, por exemplo, como fez um pesquisador que agora está em Harvard lecionando lá, um grande, enorme livro sobre algodão, o maior livro que já vimos sobre algodão, que abrange todo o planeta, mas naquele livro há muito pouco da planta algodão, solos e esse tipo de coisas, é completamente surdo sobre esses assuntos. Não vamos deixar que isso aconteça no futuro.

¹ Worster se referiu a Lytle, Mark H. que escreveu *The Gentle Subversive: Rachel Carson, "Silent Spring," and the Rise of the Environmental Movement* ("Narratives in American History" series), Oxford University Press (New York, NY), 2007.

ENTREVISTADOR 2: Você é considerado um dos fundadores da história ambiental, poderia falar mais sobre sua participação nos primórdios desse campo historiográfico? Como foi a fundação da American Society for Environmental History (ASEH) [Sociedade Americana para a História Ambiental]? Quais autores te influenciaram na construção desse campo de estudo?

WORSTER: Bem, todas essas são perguntas interessantes sobre as quais eu poderia falar por horas. Como disse, não havia história ambiental quando eu era estudante de pós-graduação em Yale na década de 1970, nada. Eu ensinei acho que talvez um dos primeiros cursos de história ambiental do mundo no meu último ano em Yale, de 1970 a 1971. Eu tinha uma turma de graduação e lançamos uma aula de história ambiental, minha primeira tarefa para eles foi: vamos tirar o sábado para encontrar o porto de New Haven no Estuário de Long Island, ela já foi uma cidade portuária, mas desde então, tudo foi preenchido com tanques de óleo e suprimentos de energia e tudo mais, e tínhamos que ir, fomos 12 alunos e eu em um dia quente, andando pela cidade, tentando descobrir onde ficava o porto, nós encontramos ele, e achamos muitas cercas também. E isso me fez começar. Eu tive que sair de Yale e me mudar para outros campi antes que pudéssemos realmente começar a ver o que poderíamos fazer, e não era só eu, havia algumas pessoas em outros campi, não tanto na Costa Leste, mas na costa Centro-Oeste.

Lembro-me de uma reunião em 1975, por volta dessa época, em San Antonio no Texas, é uma linda cidade antiga hispânica, e havia um cara lá chamado John Opie² que dava aula em uma pequena faculdade no Oeste da Pensilvânia, havia uma mulher lá chamada Susan Flader³, que ainda está viva, ensinava na Universidade de Missouri, originalmente de Wisconsin. Nós três nos encontramos e conversamos sobre a fundação de uma nova Sociedade de História Ambiental, isso era 1975, dois anos depois a Sociedade Americana foi fundada em Washington. Desde então, cresceu e tem vários milhares de membros e agora há uma europeia, há uma latino-americana, há uma leste asiática, provavelmente há outras sociedades de história ambiental no mundo, de fato, existem dezenas de milhares de pessoas fazendo história ambiental agora. Então, nós, jovens estudantes de pós-graduação e novos professores, pelo menos nos Estados Unidos naqueles anos, conseguimos começar algo, tivemos que lutar, mas conseguimos fazer algo acontecer. E desde então, cresceu de forma fenomenal, eu nunca teria esperado isso. Participei de uma reunião no mês passado na Universidade de Harvard, uma reunião sobre a história ambiental chinesa. Por Deus, história ambiental chinesa, teve a participação de pessoas da China, mas a maioria eram dos Estados Unidos, havia 50 ou 60 pessoas lá só para falar sobre a história ambiental da China, e havia algumas pessoas muito inteligentes, incluindo James Scott e Peter Perdue⁴ e assim por diante, pessoas muito influentes e impressionantes.

Quem me influenciou nisso tudo? Claro, fui influenciado pelos meus pais e pelas suas experiências, fui influenciado pela minha comunidade e onde vivi, fui influenciado durante os anos 60 e 70, por pessoas que li fora da sala de aula, não na sala de aula. Eu mencionei alguns deles, Carson e assim por diante, Ehrlich, Commoner.

Poucos historiadores, e certamente não o que muitos supõem ter sido o início da história ambiental, a Escola dos Annales, na França. Eu ouço isso o tempo todo das pessoas, "a Escola dos Annales estava lá fazendo tudo isso antes de você, você deve ter pego deles". Não, eu não tinha ideia de quem eram essas pessoas, nem tinha ouvido falar

² John Opie (1934-2018) foi fundador e primeiro presidente da ASEH. Ver mais sobre sua trajetória e contribuição para a história ambiental em FLADER (2019).

³ Susan Flader é Professora Emérita do Oeste Americano e História Ambiental na University of Missouri-Columbia.

⁴ James Scott é cientista político e antropólogo, realiza estudos comparativos de sociedades agrárias. Peter Perdue é professor de história chinesa na Universidade de Yale.

de Braudel, muito menos de seu mentor, Febvre, um historiador geográfico, eu não sabia o nome daquelas pessoas, não sabia ler francês, não sabia o que estava acontecendo lá. Então, tudo isso veio de estudantes de pós-graduação e jovens professores que sentiram o chamado, a missão e a liberdade de começar algo novo. Sempre digo aos alunos de pós-graduação, apenas vá lá e faça o que você acha que é importante fazer e, se você continuar, encontrará muitas pessoas te seguindo, e você pode até mudar a maneira como fazemos História.

Havia, é claro, alguns historiadores, embora fossem mais estudiosos do que realmente ambientalistas, como Henry Nash Smith, Leo Marks, Roderick Nash e outros, escritores como Wallace Stegner no Oeste, que eu li, Ed Abby, mas eu não consideraria isso, não os encontrei em nenhum programa de minhas aulas e não achei o trabalho deles muito satisfatório, porque eles estavam interessados principalmente em imagens culturais, eles estavam interessados principalmente em pessoas que tinham ideias sobre a natureza, as pessoas tinham ideias sobre a natureza, era o que interessava, de novo, eles estavam fascinados pela História Intelectual.

Bem, eu comecei assim, mas mudei, pensei haver algo aqui basicamente que era real e material e tinha uma profunda influência em quem somos. Eu poderia olhar para trás também para os professores que tive na graduação na Universidade do Kansas, James Malin (1893-1979), um historiador que está quase esquecido hoje, M-A-L-I-N, era o nome dele. Ele cresceu no Oeste do Kansas nos anos do Dust Bowl. Foi a primeira pessoa que vi que realmente começou a ler e estudar Ecologia como uma forma de entender a História, suas opiniões seriam familiares com as de Donald Trump hoje, quero dizer, suas opiniões políticas, ele era superconservador, mas, mesmo assim, estranhamente tinha esse cara sozinho lá em Lawrence, Kansas, fazendo isso, juntando Ecologia e História. Antes dele, e provavelmente a influência intelectual mais importante que tive como historiador, foi Walter Prescott Webb, da Universidade do Texas em Austin, que na década de 1930 escreveu um livro sobre as Grandes Planícies e outros livros sobre meio ambiente.

O que quero dizer é que percebi que tinha que aprender Ecologia, e eu não tinha formação em ciências – nenhuma; então a única maneira que eu poderia fazer isso era escrever uma história da ecologia e fazer isso como um estudante de Yale deveria fazer, como uma espécie de história cultural e intelectual, foi o que fiz, tornou-se meu primeiro livro [*Nature's Economy*]. Todos os meus professores me disseram, isso é loucura, que tipo de livro é esse? Você começa no século XVIII e chega até o presente, você tem todas essas coisas sobre Darwin, Thoreau, quem são essas pessoas? Bem, de qualquer forma, o livro ainda está sendo impresso, foi traduzido para cinco ou seis idiomas, então acho que está muito bem para uma tese de doutorado, mas foi minha maneira de aprender o que é ecologia, foi isso que decidi fazer. Então, todos os meus livros posteriores foram ambientados no Oeste americano e são todos sobre ciência e Ecologia e seu valor para os historiadores.

ENTREVISTADOR 1: Agora vamos falar sobre suas publicações. Você escreveu a biografia de duas figuras importantes da história da conservação nos Estados Unidos, John Muir (WORSTER, 2008) e o naturalista John Wesley Powell (WORSTER, 2001). Como a biografia pode contribuir para a História Ambiental? Como a biografia pode nos ajudar a compreender questões micro e macro melhor do que outras áreas da História?

WORSTER: Bem, primeiro devo dizer que a reação inicial foi: biografia não é história e eu não deveria fazer isso, meus professores achavam que eu não deveria escrever biografias, isso não seria aceitável, a História deveria ser um amplo conjunto de forças sociais e econômicas, em vez de indivíduos, esse era o modelo antigo. E eu cresci não respeitando

o modelo antigo, que era a celebração da vida e modelo de alguma pessoa famosa - "o que ele dizia era tão inspirador blá blá blá", tínhamos que conhecer a vida dela. Eu não estava interessado em fazer isso. E, na verdade, em público, uma ou duas vezes eu disse que História e Biografia não são a mesma coisa, mas devo dizer que estava errado, aprendi que estava errado. Escrevi um livro depois de "Nature's Economy" sobre a experiência do Dust Bowl, fiz outro livro indo mais para o Oeste, sobre água, construção de barragens, irrigação, agricultura em geral no Oeste americano, que você poderia dizer que foi um produto da minha infância nas margens do rio Colorado, que foi represado tantas vezes. Mas depois de ter feito isso e escrito vários livros mais curtos, ensaios, comecei a me perguntar se, na verdade, eu estava caindo em uma armadilha. A armadilha na História é quando você comece a pensar em grandes pensamentos e grandes ideias e chega em grandes causas abstratas e, então, o mundo se torna realmente muito mais simples. Tem o preto e tem o branco, tem o capitalismo e o comunismo, tem a esquerda e a direita. Você comece a pensar nesses termos abstratos amplos, que geralmente são bipolares ou disjuntivos dessa forma, e percebi que eu estava realmente correndo risco disso, outras pessoas apontaram para mim, mas aceitei. E então pensei, em vez de escrever mais livros sobre movimentos amplos, progressismo, ambientalismo, todos os ismos, por que não escrevo sobre pessoas específicas? Que tiveram um papel importante? Sim. Que podem ter inspirado as pessoas? Sim. Mas que são principalmente indivíduos muito complicados. Eu descobriria que minhas grandes generalizações precisavam de qualificação, eram muito amplas, eram muito gerais. Isso é o que todo mundo te diz sobre biografia, uma vez que você tenta entender uma pessoa em particular, você descobrirá que nunca a entendeu. Você nunca consegue. É mais fácil entender o mundo, se você falar de capitalismo, você já tem um livro para te dizer como pensar, mas se você olhar apenas para a vida da pessoa, como Karl Marx, você pode descobrir que ele é muito mais complicado e que há muito nele que não se encaixa no modelo.

Então foi isso que comecei a fazer, peguei dois grandes líderes do movimento ambientalista nos Estados Unidos no final do século XIX, o primeiro foi John Wesley Powell e o segundo foi John Muir, dois Johns, com origens muito semelhantes, do Centro-Oeste com famílias evangélicas protestantes, chamei meu projeto de "Dois Johns no Oeste Americano", é um pouco atrevido, eu sei. Mas o que me surpreendeu foi que esses dois caras que cresceram com o mesmo tipo de família, a poucos quilômetros de distância um do outro, em alguns momentos se tornaram ambientalistas, mas de um tipo muito diferente um do outro. Eu realmente não esperava isso, e obviamente foi o produto de muito da experiência pessoal de cada um. Acho que os historiadores precisam trabalhar em muitas escalas diferentes para não se tornarem apenas ideólogos desse ou daquele lado, desse ou daquele ismo, para que começem a entender que as pessoas e a história, assim como o mundo natural, são muito mais complexas do que jamais poderemos entender, que jamais seremos capazes de decifrar. As pessoas são mais complicadas que movimentos, as pessoas são mais complicadas que todas as nossas generalizações. Portanto, devemos estudar de vez em quando a vida de alguma pessoa e logo entraremos em um mundo muito mais complicado do que jamais imaginamos.

Precisamos de todos os tipos de escalas no estudo da história ambiental, não pensamos o suficiente sobre isso. Os ecologistas pensam nisso o tempo todo, eles pensam em todas as escalas, há a planta individual, digamos no deserto ou na savana tropical, essa é uma escala, ou você pode estudar a comunidade vegetal, ou a planta como parte de um ecossistema de elementos orgânicos e inorgânicos, ou você pode estudar nos níveis de um bioma, que abrange grande parte de um continente como a floresta amazônica, ou você pode ir para outras escalas, o planeta Terra é uma escala que a gente precisa olhar de vez em quando. Precisamos ser capazes de pensar sobre todas essas escalas e como elas se

integrar, isso é uma necessidade fundamental para os historiadores ambientais fazerem, porque a escala para nós não é dada. Para a maioria dos historiadores é bem claro qual é a escala, é o Estado-nação é o Brasil, é o Uruguai, é a América, Estados Unidos da América, é a China, mas para os historiadores ambientais, nós abandonamos o Estado-nação como nosso quadro de referência, não o achamos necessário, tem alguma influência, mas não é a escala com a qual crescemos, aceitando e usando o tempo todo. Portanto, precisamos pensar mais conscientemente sobre isso, acho que os cientistas se saem muito melhor nisso do que os historiadores.

ENTREVISTADOR 3: A sua interpretação dos três níveis da História Ambiental é muito importante nos estudos brasileiros, você acha que hoje ainda é válido pensar nesses três níveis⁵? Alguma coisa mudou?

WORSTER: Oh, bem, as pessoas me disseram que eu deveria colocar mais de três, vou contar como isso aconteceu. Alguém me pediu para escrever uma introdução geral à história ambiental e pensei, bem, posso dividi-la em pelo menos três categorias, então eu tinha, por um lado, o próprio mundo natural, que é uma presença dinâmica e tem sua própria história, chamamos de evolução, mas ainda é história; e temos, do outro lado, todas essas ideias e cultura, leis, políticas, valores, religião. O que há entre esses dois? Era esse meio-termo que eu queria tentar enfatizar cada vez mais, achei que os historiadores deveriam olhar para isso. Chamo isso de modos de produção, mas você pode chamar de modos de consumo, modos de vida, economias, esse tipo de coisa, mas olharia para a tecnologia, como as pessoas ganham a vida, o que comem, de onde obtêm os alimentos. Seria basicamente colocar nossas barrigas no centro, sabe? Nossa comida. História ambiental deveria ser sobre barrigas e fome, desde então acrecentei sexo, acho que o sexo é tão fundamental para a história ambiental que não consigo imaginar como o deixamos de fora. Os desejos que os humanos têm, com os quais normalmente já nascemos, que não aprendemos crescendo, indo à igreja, indo à escola, etc. Peguei esse modelo de um grande antropólogo, a meu ver, Marvin Harris⁶, da Universidade de Columbia, que escreveu um grande livro sobre materialismo cultural. Basicamente, ele disse que as culturas não surgem do nada, elas não controlam tudo, elas estão enraizadas em algo mais material e eu disse, você está certo, mas o material não é apenas o material de Karl Marx, classe trabalhadora versus capital, é também a Terra, plantas, animais e todas essas coisas. Foi assim que criei essas três categorias, eu tinha basicamente os modos de produção de Karl Marx e toda a ideia de superestrutura e apenas liguei à natureza, porque achei que ela havia sido deixada de lado e usei Marvin Harris para isso. Claro que há pessoas que discordam totalmente disso, dizem: isso é reduutivo. Bem, pode ser, ou eles dizem: qual é a relação entre eles? Eu digo, não sei, só sei que estão os três aí e são todos importantes, e há essas pequenas setas indo e voltando e assim por diante, resolva. Penso que o do meio, os modos de vida, modos de produzir e consumir coisas - esses desejos com os quais nascemos e que nos tornam parte da natureza - é o mais importante com o qual devemos lidar, mas essa é apenas a minha opinião.

Tradicionalmente, os historiadores gostam apenas do último, o lado cultural, que leis aprovamos, que movimentos estabelecemos, que livros escrevemos, que poetas lemos, que paisagistas e pintores temos, mas eu acho que isso é ficar andando pelo topo, Mas sabe, não posso, não consigo superar essa questão controversa, como isso está relacionado? Isso é realmente essencial, o que enfatizamos, etc. E de fato acho que muitos

⁵ Os três níveis foram defendidos por Worster em seu primeiro artigo publicado no Brasil (WORSTER, 1991).

⁶ Marvin Harris (1927-2001), considerado um dos mais importantes antropólogos do século XX, criticava uma antropologia que se baseia principalmente na compreensão ou interpretação do "significado", e propõe uma outra antropologia, baseada na explicação das diferenças culturais (WERNER, 2002).

dos meus colegas historiadores ambientais esqueceram essas questões, vou a reuniões como a última em Boston e tudo que ouço em todas as sessões é a palavra justiça, justiça, e ouço pessoas dizendo que basicamente esse deveria ser nosso tema unificador, estamos todos interessados em justiça ambiental e eu digo a eles, não, não estamos todos interessados na justiça, você tem sua ideia de justiça, eu tenho uma ideia de justiça, todos na sala têm uma ideia diferente de justiça e podemos continuar falando sobre isso e assim por diante, mas não presuma que existe apenas uma coisa chamada justiça ambiental, e você sabe o que é e todo mundo deveria concordar.

Não é assim que funciona a história ambiental, é muito mais aberta do que isso, Não estou dizendo para jogar tudo fora, só estou dizendo que, quando usar essa palavra, não presuma que todo mundo sabe o que é. Isso faz parte de todas essas outras coisas que estão acontecendo, e devemos ser muito mais cautelosos em nossas generalizações sobre o que é a história ambiental.

Mas isso vem da minha sensação de que não estamos seguindo um modelo suficientemente complicado, muitas vezes temos um modelo muito simplista na história ambiental hoje. Descubra onde há uma injustiça no mundo ligada ao mundo natural e pronto, aí você tem um livro todo mundo sabe do que se trata, qual vai ser a conclusão, já fizemos isso o suficiente, vamos em frente, me parece.

ENTREVISTADOR 2: No seu livro sobre o Dust Bowl (WORSTER, 1979), você discutiu as mudanças no uso da terra nos níveis local e regional, evidenciando as transformações do ecossistema induzidas pelos seres humanos através de tendências destrutivas em práticas agrícolas norte-americanas. Poderia nos falar sobre essa interação entre modos de produção agrícola e o meio ambiente na sua trajetória de pesquisa em história ambiental? Você avalia que a experiência do Dust Bowl causou alguma aprendizagem para a sociedade americana, e também para outras sociedades com uma experiência distinta com a ocupação de terras?

WORSTER: Bem, deixe-me dizer novamente que acho que a agricultura pertence ao centro da história ambiental, a velha história agrícola era principalmente sobre o progresso na produção, quanto produzimos, quanto podemos obter, quantas pessoas podemos sustentar. Mas acho que esses problemas são muito mais complicados do que pensávamos antes e a história ambiental pode mostrar isso.

A agricultura é provavelmente a maneira mais importante pela qual mudamos ou afetamos o planeta. Não é a indústria, não é fabricação de plásticos, é a fazenda, é agricultura, é nosso uso da terra e tem sido assim por dez mil anos, quando passamos de uma vida de coleta para uma vida agrícola, estávamos fazendo uma revolução profunda que mudou nossa relação com a Terra, uns com os outros, tudo decorre disso. Cresci em uma família de agricultores, mas acho que estou livre do tipo de mitologia da agricultura, que muitas vezes glorifica algum tipo de bela relação entre as pessoas e a natureza, a agricultura tem na mão um chicote desde que foi estabelecida, você volta e olha todas aquelas fotos antigas e lê os poemas antigos, eles têm um boi e estão conduzindo o boi com um chicote, e logo eles têm um escravo conduzindo o boi e o escravo está sendo chicoteado. A agricultura tem muito a explicar, muito a tentar explicar, por que as coisas são como são, remontando a dez mil anos, alguns chamaram de erro, não acho que foi um erro, acho que foi a única coisa que poderíamos ter feito, porque tínhamos bebês para alimentar, tínhamos muitos bebês para alimentar e a vida de coleta era insustentável. Então, não estou dizendo que foi um erro, mas estou dizendo que trouxe consequências que continuam a se desenrolar.

Quando você chega às décadas de 1920 e 30 na América do Norte, a própria agricultura evoluiu para algo bem diferente, é um sistema de propriedade privada, é um

sistema projetado para a produção mundial. A população do planeta, em 1927, quando as Grandes Planícies estavam sendo aradas, passou para 2 bilhões, havia chegado a 1 bilhão por volta de 1804, esse é o primeiro marco, em pouco mais de um século, atingiu 2 bilhões, chegou a 3 bilhões em outros 30 ou 40 anos e 4 bilhões, e agora está em 8 bilhões e alimentar toda essa gente, mesmo que minimamente, requer agricultura. E então você tem que olhar para a demografia em todo esse quadro, e os historiadores ambientais não têm prestado atenção suficiente à demografia.

A resposta é sempre, bem, algumas pessoas comem mais do que outras, bem, sim, mas isso, a maioria das pessoas não pode comer duas ou três vezes o que outras pessoas comem. Não tenho dúvidas de que meu argumento em geral continua certo, de que o Dust Bowl foi uma catástrofe ambiental provocada pelo homem, um desastre, não apenas meus pais, mas centenas de milhares, talvez milhões de pessoas deixaram os estados das Grandes Planícies durante a década de 1930, a maioria por causa da Grande Depressão e da crise agrícola que os cercava. Portanto, é um desastre causado pelo homem e estamos vendo cada vez mais desastres desse tipo. A pesquisa sobre desastres se tornou uma parte fundamental da história ambiental. Bom, escrevi aquele livro em 12 meses, fiz toda a pesquisa e escrevi o livro em 12 meses, é um livro muito curto, se eu tivesse levado mais tempo, se pudesse levar mais tempo, teria colocado muito mais sobre o contexto em que aqueles fazendeiros operavam.

Sabemos que eles tinham muito pouco conhecimento sobre Ecologia, pastagens e o papel das gramíneas na estabilização desse ambiente tão marginal, eram na maioria recém-chegados, isso eu deixei claro. Mas não percebemos, não prestei atenção suficiente às maneiras pelas quais eles foram basicamente enquadrados no que já era uma economia global, o mercado para o trigo que cultivavam, não era só para os Estados Unidos, que na época tinha uma população de mais de 100 milhões de pessoas, eles não saíram de lá até que houvesse de fato uma população enorme que exigia comida na forma de pão, na forma de carne. Eles estavam lá por causa do resto do país, e não era simplesmente por causa de pessoas em Wall Street, embora essas pessoas tivessem um papel nisso, todos os tipos de pessoas tiveram um papel importante em fazer dessa agricultura o que ela era. Se você quiser falar disso como um desastre causado pelo homem, onde estavam os homens e mulheres por trás disso? Bem, eles não estavam apenas nos Estados Unidos, mas em muitos outros países do mundo, porque aquele trigo costumava ir para outros lugares no exterior.

Você poderia dizer a mesma coisa sobre a soja no Brasil hoje, ela está indo para a China para alimentar os porcos, para melhorar a dieta de carne dos chineses, e posso dizer por ter passado tanto tempo na China que os chineses adoram, eles adoram a carne, adoram soja, adoram seus porcos, adoram carne bovina e assim por diante, e há 1,4 bilhão de chineses. O Brasil nem teria lugar no mundo deles se fossem apenas 500 milhões de chineses, eles não precisariam do Brasil. Assim, repetidamente voltamos a essa grande importância da reprodução, dos números humanos, a pressão que eles trazem sobre terras em todo o planeta, isso faz parte do contexto e, nesse contexto, governo, empresas, capital, máquinas agrícolas, tecnólogos, engenheiros, químicos, todos desempenham um papel, e não são pessoas más. Eles não são pessoas más, não são os malvados do mundo que queremos colocar na cadeia, acho que é isso que qualquer bom historiador teria a dizer sobre isso, eles estão trabalhando a partir do seu contexto, eles estão trabalhando com uma população que cresce dezenas de milhões a cada ano, e estão exportando para todo o mundo. Eles não estão fazendo isso por algum tipo de benevolência, eles estão fazendo isso por dinheiro, mas eles não fazem a exigência, nós fazemos a exigência, todos nós.

Então, o que aprendemos? Bem, se vamos reformar nosso sistema agrícola e torná-lo mais compatível com a ecologia, primeiro tem que ter ecologia, tem que ter

conhecimento, você tem que saber como é uma grama e como são suas estruturas radiculares e como as raízes das plantas nativas evoluem profundas, espessas e seguram o solo de maneiras que o trigo, uma cultura importada, nunca poderia fazer. Você tem que ter esse conhecimento e também precisa das populações para apoiar esse trabalho, as redes comerciais globais, tudo isso é necessário para acarretar um desastre ambiental causado pelo homem nas Grandes Planícies.

O que aprendemos? Bem, basicamente nós ainda presumimos, e acho que por um bom motivo, que a única maneira de sair de uma confusão é inventar outra, ou seja, inventar novas tecnologias. Atualmente, quando se trata de aquecimento global, todos nós culpamos os combustíveis fósseis, mas os combustíveis fósseis são apenas uma parte do quadro, e quando você começa a procurar outras possibilidades, descobre que vai precisar, vai implementar máquinas eólicas, painéis solares por todo canto em lugares, como o oeste americano, a fim de gerar eletricidade suficiente. Então, às vezes, temos que voltar às causas básicas e dizer: talvez precisemos de menos pessoas no planeta, talvez precisemos encorajar esse tipo de mudança de política, talvez precisemos abordar esse problema. Mas não está sendo abordado na história ambiental hoje e, até onde posso ver, não está sendo abordado nos círculos políticos hoje, tornou-se um tópico altamente proibido. Se você começar a falar sobre isso, eles pensam "oh, lá vem Thomas Malthus de novo", sabe, não é disso que estou falando, ele não inventou esse problema, ele apenas o observou de um ponto de vista estreito em um momento da história. O que aprendemos, bem, temos novas técnicas e muito mais novas estão chegando ao mercado, Eu morei, trabalhei por muitos anos com um instituto no Kansas, o Land Institute, fui presidente do conselho de administração por uma década, sou amigo íntimo do presidente dessa organização, a ideia é criar uma nova agricultura baseada na ecologia, o que significará novos tipos de tecnologia, mas basicamente novas atitudes e formas de pensar sobre os ecossistemas deste planeta, Como podemos cultivar de forma a proteger o meio ambiente?

Isso não é, em grande medida, um problema moral, mas um problema tecnológico. Não se trata de limpar a nossa consciência com Jesus, trata-se de descobrir que tipo de conhecimento precisamos e como vamos fazer isso e exige grandes esforços e esforços imaginativos de cientistas, engenheiros, técnicos, agrônomos, toda uma rede de pessoas, requer pessoas que estejam dispostas a implementá-los, a aprender e implementar tudo isso. Acho que estamos à beira de algumas novas ideias radicalmente interessantes, na América do Norte, pelo menos no que diz respeito à agricultura nas Grandes Planícies e ao fornecimento de trigo e carne.

Estamos em crise e a maioria das pessoas sabe disso e acho que estamos no limite, no início de um possível avanço, mas ele virá da fronteira da ciência, não dessa ou daquela ideologia, essa é a minha opinião. Provavelmente, não disse isso com ênfase suficiente no livro, muitas pessoas se sentiram ofendidas com o livro, pensando que eu estava apontando o dedo para elas e acusando-as de más ações, mas eu vi naquela época e ainda vejo ainda mais claramente hoje, que quando fazemos um desastre, e há tantos deles, não podemos simplesmente procurar um ou dois grupos de pessoas, ou esta classe de pessoas, ou aquele grupo, e colocar a culpa neles, é um problema muito mais difuso, que confronta toda a humanidade e nossos números hoje.

ENTREVISTADOR 1: Professor, em seu primeiro livro, *Nature's Economy* (Worster, [1977] 2011), você traça uma trajetória do pensamento ambiental desde o século XVIII. Em especial, as partes 5 e 6, que falam do contexto do século XX, em que o ambientalista brasileiro José Lutzenberger atuou, e da teoria de Gaia, de Lovelock e Margulis, pela qual ele foi muito influenciado. Como você avalia a importância da

Teoria de Gaia atualmente? Qual a importância de *Nature's Economy* para a História Ambiental no século XXI?

WORSTER: Bem, essa é uma grande questão para mim também. Eu já disse que o motivo de ter escrito aquele livro foi para me ensinar sobre Ecologia, não apenas participando de um seminário de ecologia moderna, mas estudando a história desse campo, essa foi uma maneira de acessá-la, então acho que ainda é útil para muitos historiadores que não estão familiarizados com as ciências naturais, mas percebem que precisamos da ajuda deles para reescrever, refazer a história, ler algo desse tipo. Mas no que diz respeito à hipótese de Gaia, eu conheci James Lovelock quando ele era muito mais jovem, ele veio à minha universidade para falar e era um homem incrivelmente eloquente, um homem muito teimoso, um homem muito individualista que iria se levantar e falar o que sentia, não importa o que acontecesse e ele tinha algo realmente importante a dizer. A mensagem dele naquela época, isso foi em meados da década de 1990, no início da década de 1990, foi a mensagem que começou tudo, que a vida na superfície da Terra, as plantas e sua distribuição e assim por diante, regulam a atmosfera acima de nós, os gases na atmosfera, existe um mecanismo de regulação e isso se tornou a base das novas Ciências da Terra, novas Ciências do Sistema Terrestre. Mas ele disse algo naquele momento que deixou muita gente chateada: a Mãe Natureza é uma velhinha durona, ela pode aguentar qualquer coisa que jogarmos nela, ela vai regular tudo isso, não se preocupe com os gases do efeito estufa, não se preocupe com eles, a natureza vai regular para sair disso, a natureza tem seus próprios mecanismos para resolver. E ele tinha um ponto interessante e acho que devemos sempre considerar isso como uma possibilidade, mas algumas décadas depois, quando continuou a escrever livros sobre essa Hipótese de Gaia, ele mudou sua mensagem e ficou muito mais preocupado com as mudanças climáticas e até pensou que estávamos à beira da destruição. A desgraça estava chegando até nós por causa do que estávamos fazendo com as mudanças climáticas e ele colocaria energia nuclear em todos os lugares se pudesse para impedir que isso acontecesse.

Então, nesse momento, comecei a pensar que a Gaia de Lovelock pode fazer isso de um lado ou de outro, ela é uma pessoa maravilhosa, mas o que o próprio Lovelock sente sobre tudo isso? Quais são os limites da Hipótese de Gaia? Onde funciona e onde não funciona? Acho que foi muito importante para termos uma imagem, uma compreensão de como este planeta funciona. Atualmente, estamos quase entendendo como o planeta funciona, está tão melhor do que era quando eu era criança, a ciência é simplesmente incrível. Mesmo que não saibamos a maior parte do que queremos saber, ainda nos falta, mas sabemos muito, e o modelo de Lovelock é muito importante, como entender a interação das plantas e a atmosfera, os gases na atmosfera. Precisamos muito mais desse tipo de ciência e precisamos trazê-la para o estudo da História, não tenho dúvidas de que precisamos trazê-la para o estudo da História e usá-la quando olharmos para trás no tempo. Mas o outro significado de Gaia era algo que eu acho com um valor mais limitado, talvez até um contra valor. Ele tirou essa ideia, é claro, do seu amigo, o romancista William Golding, o escritor do livro *O Senhor das Moscas* e outros livros. Golding sugeriu para Lovelock um nome para esse fenômeno, de troca entre plantas e atmosfera, que é basicamente química, e ele disse "tem essa palavra Gaia, que basicamente vem da deusa grega da natureza", é um tipo de nome religioso, e Lovelock disse "eu não quero uma coisa religiosa", e ele respondeu "sim, mas você não precisa ir para esse lado, só use isso". Na verdade, é claro, foi abraçado por pessoas com visões religiosas e espirituais em todo o planeta, e eles começaram a dizer "a natureza sabe mais, a natureza pode se salvar, a natureza sempre nos dará um mundo benigno e feliz", e acho que Lovelock começou a descobrir que sua velhinha durona poderia morrer.

Não sei onde estamos com essa Gaia, a maioria dos cientistas não gosta muito da palavra, porque acham que sugere algo sobrenatural, algo quase espiritual na nossa relação com a Terra e preferem que pensemos mais sobre química, o impacto das plantas umas nas outras e na atmosfera. Mas mesmo se você olhar dessa maneira, o mundo é tão simplesmente autorregulado, tão previsivelmente autorregulado que não há nada que possamos fazer para prejudicá-lo? O que significa danificar esse planeta? Essas perguntas ainda permanecem muito grandes e sem resposta. Devo dizer que tenho que procurar respostas nos cientistas sobre isso, porque não acho que posso realmente confiar no arcebispo de Canterbury ou em outros líderes religiosos para me dar respostas para estas questões, essa é a minha opinião sobre isso. Sou pró-ciência, mas também estou impaciente para obter algumas respostas para essas perguntas da comunidade científica.

ENTREVISTADOR 2: Atualmente, a academia tem se debruçado sobre os debates em torno do Antropoceno, termo criado nos anos 1980 por Stoermer e popularizado nos anos 2000 por Paul Crutzen, referindo-se à época em que as ações humanas começaram a provocar alterações biofísicas em escala planetária, principalmente, o impacto da acelerada acumulação de gases de efeito estufa sobre o clima e a biodiversidade. Alguns autores, preferem usar o termo “capitaloceno” ao invés de antropoceno, evidenciando assim os impactos dessa ideologia do progresso infinito e consumista e dos poderosos lobbies econômicos na transformação irreversível do planeta. Como você vê esse debate? Você considera o antropoceno como uma nova era geológica ou apenas como uma metáfora relevante para os estudos científicos?

WORSTER: Vou decepcionar muita gente quando digo que sou agnóstico quanto à questão do antropoceno. Pessoalmente, não gosto muito do termo, por vários motivos, em primeiro lugar, acho que é pseudociência, não é baseado em ciência, tem alguns cientistas que estão envolvidos em promovê-lo, mas há muitas pessoas das ciências humanas, poesia, terapia social, etc., que estão envolvidas nisso, promovendo-o, querem assumir o comando. Mas o modelo aqui é o que a estratigrafia e a geologia criaram, uma série de cenas que são basicamente épocas, e eles têm critérios para decidir o que é uma época. A última grande época antes da que estamos agora, chamaram de pleistoceno, a era do gelo, eles chamaram assim por causa do gelo, por causa daquelas enormes camadas de gelo. Bem, há muitas evidências estratigráficas de que a era do gelo mudou os solos, mudou a composição da vida orgânica nos solos, etc. Quando eles foram apresentados com novos dados dos antropocenistas, vamos chamá-los assim, o grupo que está promovendo essa ideia, eles recusaram isso como um nome para uma nova época, eles o rejeitaram, e acho que eles continuarão a recusar, porque não acham que as evidências sejam claras o suficiente de acordo com seus padrões. Ninguém está negando que a Terra agora tem oito bilhões de pessoas, estamos queimando combustíveis fósseis, e estamos tendo um impacto profundamente maior do que antes, mas podemos nomear essa como uma das grandes épocas da geologia? Prefiro deixar os cientistas descobrirem isso, podemos usar outros termos etc., e já estamos usando outros, você acabou de mencionar o capitaloceno e tem plantationoceno e tem dezenas agora, e carbonoceno, dezenas e dezenas de rótulos.

Quando você chega nesse ponto, acho que você perdeu o ponto, torna-se apenas uma discussão sobre o nome que vamos colocar e todo o processo não deve tirar o trabalho dos cientistas em decidir o que é uma época ou não. Essa época depende de duas coisas, o chamado antropoceno depende de duas coisas, uma é o crescimento da população em geral e a outra a queima de combustíveis fósseis, as pessoas tentam ditar quando essas coisas começaram a decolar. Mas, considere isso, a evidência demográfica mais recente sugere que as populações humanas não devem apenas parar de crescer, mas possivelmente diminuir significativamente nos próximos 50 a 100 anos.

Algumas pessoas na Áustria já estão argumentando que projetando as atuais taxas de fertilidade neste planeta, estaremos abaixo dos níveis de reposição muito em breve, já estamos, acho, em muitos países, se você incluir a China, o que acho que devemos, porque sua população caiu pela primeira vez no ano passado, talvez metade da população mundial vive hoje em países cuja população está diminuindo, se isso acelerar nos próximos meio século ou cem anos, onde está o seu antropoceno? Se foi baseado no crescimento populacional e o crescimento começa a diminuir, e acabamos com três bilhões de pessoas em vez de oito, ou dois bilhões de pessoas em vez de oito, onde está o antropoceno? Combustíveis fósseis, temos todos os tipos de pessoas trabalhando na tecnologia pós-combustível fóssil, há pessoas que estão dizendo que dentro de uma geração, daqui a 20 anos, certamente em meados desse século, estaremos em uma base de energia pós-combustível fóssil em todo o mundo, nem todos, mas a maioria das pessoas usará energia solar, usaremos todas essas novas tecnologias. Mais uma vez, onde está o seu antropoceno? Os dois fatores causadores básicos foram atendidos, removidos, as coisas estão mudando, agora vamos dizer que essa época já acabou?

Algumas pessoas falam que começou na década de 1950, será que terminará em 50 anos ou 100 anos, ou 200? A maioria das épocas dura de dois a três milhões de anos. Acho que podemos estar inventando um rótulo que vai morrer muito em breve e estamos nos esforçando muito nisso, por quê? É principalmente por motivos políticos, para chamar a atenção para os graves problemas ambientais do planeta, que sou a favor, mas a maneira de fazer isso não acho que seja criar um novo rótulo e chamá-lo de conceito científico. Torna-se um esforço para fazer com que a comunidade científica endosse uma visão de nossa situação e acho que nós, historiadores, devemos ficar fora disso, não acho que seja um conceito histórico, não acho que seja um conceito científico, Acho que devemos apenas dizer que somos agnósticos, não sabemos se o antropoceno existe ou não, vocês vão trabalhar nisso e pensar sobre, mas não é algo que precisamos para fazer nosso trabalho enquanto olhamos para a história deste planeta. É assim que eu vejo, mas sei que isso vai irritar muita gente.

ENTREVISTADOR 3: Recentemente você publicou um artigo no periódico da *Rachel Carson Center* onde defende a necessidade de uma nova Civilização Ecológica (Woster, 2022), que deve ser construída em um esforço conjunto por todos os países, a partir de uma nova ética holística que permita a sobrevivência do planeta. Dentro desse contexto de crise ambiental global, a China vem despontando como uma nova hegemonia econômica e política e já deu indícios de estar discutindo essa necessidade de uma nova ecologia. Bom, você é professor na School of History, Renmin University of China, e com essa experiência, você acha que existe uma grande diferença na forma que os países ocidentais e orientais estão lidando com essa questão? A sua experiência na China mudou de alguma forma a sua relação com a natureza?

WORSTER: Sim, mudou minha mente e meu pensamento tremendamente. Antes de viver em um país com 1,4 bilhão de pessoas, não achava que a população fosse tão importante, mas agora acho. E, claro, pude ver o que um Estado policial forte e poderoso pode fazer pelo meio ambiente se quiser fazer algo. Temos câmeras em cada esquina, câmeras de vigilância na China hoje, cada palavra falada na Internet é estudada por sensores, estou tentando publicar um livro lá, eles podem não deixar ser publicado porque eu digo isso ou aquilo que eles não gostam. Se você tem o poder de fazer isso e quer construir uma civilização ecológica, diga-me qual será essa civilização. Até agora, o que a civilização da China encontrou foi o crescimento econômico o mais rápido possível, uma proliferação de automóveis nas rodovias, a boa vida de consumo para centenas de milhões de pessoas, e

a proteção de grandes florestas, alguma vida selvagem e a limpeza de parte da poluição do país, uma das mais poluentes do mundo. Como o governo provou ser muito eficaz em fazer essas coisas, não sei se tem uma ideia clara do que uma civilização ecológica exigirá, no entanto.

Isso eu não mencionei no ensaio, porque bem, isso me tornaria impopular e talvez não pudesse voltar para o país que amo e para as pessoas que amo lá, mas devo dizer que acho que um Estado policial não é o caminho para construir uma civilização ecológica. Parece ser construído sobre a velha civilização tecnológica da qual tentamos nos livrar ou superar, vigilância, câmeras, supressão, controle da Internet e assim por diante; sistemas de grande escala estavam desviando a água, movendo-a pelo país de maneiras poderosas que a China nunca poderia fazer antes. A China está fazendo muitas coisas boas e dizendo muitas coisas boas, mas não acho que lá esse é um assunto aberto para escrutínio, debate ou consideração, nem mesmo acho que está aberto para as ciências participarem. Falei em um encontro de Ciências Ambientais no Grande Salão do Povo, há vários anos, antes do COVID, e não consegui chegar na metade do meu discurso antes de ser interrompido e mandado sentar porque eu estava falando algumas coisas com as quais alguém ali não concordava, suspeito.

Esse não é o caminho para uma civilização ecológica que vai exigir liberdade intelectual, começando pelas ciências. Os cientistas têm que ser livres para falar, pensar e agir, e assim deveriam ser todas as pessoas. Não acho que você pode construir uma civilização ecológica sem certas liberdades. Qualquer país que pensa que esse é um caminho rápido para fazer isso, sem passar pelo entendimento popular, educar as pessoas, obter seu apoio e assim por diante, está cometendo um erro muito grave, não vai nos levar até lá. Mas nenhum outro país no mundo está usando essa frase agora, então é certamente algo que eu acredito que um grupo de pessoas na China, funcionários de alto escalão, estão pensando, imaginando e agindo, mas a China é radicalmente diferente do Ocidente neste ponto? Sim, de certa forma, claro que sim, tem tradições diferentes, mas a China que vejo diariamente, que cheiro diariamente, não é uma China tradicional de forma alguma. É uma civilização tecnológica intensiva de produção em massa e alto consumo de energia que comanda e controla, tenta pelo menos, todo o seu ambiente e acho que é um país muito vulnerável e uma sociedade muito vulnerável ambientalmente, bem como social e politicamente. Odeio dizer isso, porque realmente quero ver as pessoas na China terem sucesso em criar um bom padrão de vida para si mesmas, ao mesmo tempo em que protegem e cuidam do mundo material ao seu redor. Se eles conseguirem fazer isso melhor do que qualquer outro país ao redor, eles merecem respeito, eles merecem apoio e aplausos. Eu gostaria que meu próprio presidente defendesse e usasse palavras como solidariedade ecológica, não sabemos o que significam, mas isso é verdade para a maioria das grandes palavras que usamos, gostamos de usar as palavras desenvolvimento sustentável, alguém sabe o que essas palavras significam? E quando você as coloca juntas, você apenas combina imprecisão com imprecisão: o que significa ecológico, o que significa sustentável, o que significa desenvolvimento, o que significa civilização? Essas palavras são apenas grandes nuvens flutuando no céu, mas precisamos de públicos que pensem nelas e lhes dêem significado. Esse é o desafio para nós, podemos dar significado a eles, assim como podemos dar significado à palavra justiça, mas ela não vem até nós automaticamente pelos canais do governo.

ENTREVISTADOR 1: Você ainda está ensinando na China?

WORSTER: Sim, bem, eu estava até a COVID, não voltei desde dezembro de 2019, então já está fazendo três anos e meio que não consegui voltar para a China. Não consegui voltar porque o país está fechado por vários motivos. Não sei se eles vão me deixar entrar de

novo, embora eu tenha bons amigos e uma boa reputação no país, e ache que não sou um encrenqueiro, mas quero voltar. Acho que a China é onde o mundo moderno está enfrentando muitos de seus problemas e como a China lida com eles será importante para todos nós. Então, eu quero voltar para lá, sinto uma forte simpatia pelo povo daquele país, amo sua paisagem, seus ambientes, sua vida selvagem, suas florestas, suas plantas, seus climas, sua cultura e história, tudo isso é incrível para mim. Não sei porque não descobri isso antes, quando era bem mais novo, provavelmente teria ido para a China, mas do jeito que está, me aconteceu tarde na vida, na última década, de morar e ensinar lá, acho a melhor experiência possível, a China se tornou minha casa.

ENTREVISTADOR 1: No seu livro mais recente, *Shrinking the Earth* (Worster, 2016), você constrói uma analogia interessante a partir do maravilhoso romance *The Great Gatsby*, de Scott Fitzgerald. A humanidade teria visto a chegada às Américas como Gatsby via a luz verde da doca de Daisy, como uma promessa tão mágica de felicidade, de abundância infinita. Mas, como você explora Parte 3, principalmente no capítulo 8 - *The Wolf at the door* – nos anos 1970, chega-se à consciência plena de que a Terra possui limites. Em 2022, o livro *Limites do Crescimento* fez 50 anos (MEADOWS Et. Al., 1972). Porém, até hoje governantes e empresários agem como se não houvesse limites. Como você avalia o debate sobre crescimento econômico atualmente? Por que os alertas sobre o crescimento não foram ouvidos, passados 50 anos?

WORSTER: Bem, nós não chegamos no Evangelho do crescimento em questão de alguns anos, levou centenas de anos, esse livro basicamente traça, por assim dizer, o evangelho do crescimento voltando 500 anos, começando com pessoas como Colombo, Drake, Magalhães, a chamada descoberta do novo mundo. Foi aí que tudo começou, a sensação de que vivemos em um mundo de enormes possibilidades infinitas e, portanto, em crescimento, isso surge a partir daí, não vem até nós recentemente em questão de algumas décadas, e não vamos superar isso em apenas alguns anos, 50 anos não é muito tempo para tais ideias e instituições existirem. Fico um pouco desanimado quando vejo economistas importantes como Paul Krugman escrevendo constantemente no New York Times sobre porque o crescimento ainda é bom, e ele é um economista de esquerda, entende a injustiça, mas não entende que o crescimento é um esquema que sempre repassa para o futuro o custo do que você está fazendo para crescer. Estou desanimado com isso, mas acho que vai demorar muito mais do que 50 anos. Uma rachadura que realmente é significativa para mim, e eu a menciono perto do final do livro, é esse declínio impressionante e bastante inesperado nas taxas de fertilidade humana.

Sei que muitas pessoas no movimento feminista gostam de afirmar que é por causa da libertação das mulheres que isso está acontecendo, eu acho isso importante, mas não conheço nenhum estudo empírico que realmente prove isso. Acho que a emancipação feminina é tão importante quanto o fato das pessoas perceberem como é caro e como se tornou caro, onde quer que moremos, principalmente nas cidades, criar filhos hoje em dia.

Manter cinco ou seis filhos requer uma fortuna. Já chegamos a alguns limites de crescimento que começam a afetar nossa reprodução, que decolou como um foguete no século XVIII, simplesmente disparou e agora está começando a retroceder e podemos vê-la, como eu disse antes, começar a descer. Quem sabe? Isso é impossível de prever, mas se isso acontecer com essa categoria de fertilidade, a quantidade de filhos que as pessoas querem e estão ansiosas para ter, se conseguimos descobrir como podemos satisfazer nossos desejos sexuais sem produzir tantos bebês por meio da tecnologia da pílula anticoncepcional e outros dispositivos de controle de natalidade, então pense no que mais poderíamos fazer. Também podemos controlar o consumo, podemos realmente mudar

nossos hábitos de consumo de várias maneiras, poderíamos mudar nossos hábitos de consumo de energia, poderíamos mudar nosso entusiasmo por shoppings e assim por diante. Eu não sei onde tudo termina. Tenho esperança de que as coisas tenham começado a mudar, mas acho que vai levar mais tempo do que terei neste planeta, antes que haja algum tipo de movimento universal nesse assunto. Acho que vamos ter que levar 100, 150 anos, e realmente isso pode soar muito desanimador, se você é um estudante de pós-graduação e tem apenas 20, 25 anos, mas não é nada comparado à vida, estamos neste planeta há 200.000 anos então temos outros 200.000 anos para descobrir, talvez, como viver aqui, essa é a minha visão. Nós estamos apenas aprendendo, vamos ser gentis com nós mesmos e perceber que esses tipos de mudanças não acontecem em questão de alguns anos ou décadas. A evidência que os Meadows apresentaram na década de 1970, por trás do livro *Limites do Crescimento*, essa evidência foi aumentada, verificada repetidamente, sabemos que ainda enfrentamos os mesmos problemas, eles não vão desaparecer e eu tenho que acreditar que em algum nível essa mensagem está chegando às pessoas.

ENTREVISTADOR 1: Você nos falou que conheceu pessoalmente o ambientalista brasileiro José Lutzenberger, quando ele falou no Prairie Festival, no Kansas. Você pode falar sobre suas impressões a respeito de Lutzenberger? Como é esse festival, organizado pelo The Land Institute, que pesquisa e luta pela Agroecologia?

WORSTER: O Land Institute fica às margens de um rio pequeno e obscuro no centro de Kansas, seu fundador era um homem treinado em genética de plantas e lecionava na Universidade do Estado da Califórnia, em Sacramento, mas se interessou muito por questões ambientais, largou o emprego, abriu mão de um cargo permanente para voltar a essa margem do rio e construir um lugar que chamou The Land Institute⁷. Ele não tinha certeza do que seria no começo, mas o que é agora posso lhe dizer, porque estive no conselho e fui presidente do conselho por uma década⁸, é um grande instituto e centro de pesquisa, atraindo muitos dos melhores cientistas que estão repensando, do ponto de vista ecológico, o que é e o que deveria ser a agricultura, tem agora um orçamento de quase 10 milhões de dólares por ano, tem instalações, estufas, equipamentos, terrenos para estudo, criadores, e tem pelo menos 50 milhões de dólares na conta dado por um dos filhos de Warren Buffett e outros. Então tem sido um tremendo sucesso e tem cerca de 50 anos, seu diretor é Wes Jackson, Dr. West Jackson, que se tornou uma figura de destaque, não só em termos ambientais, mas também na agricultura e na combinação dos dois.

Todos os anos o The Land Institute patrocina um evento público que eles chamam de Festival da Pradaria, para celebrar as pradarias, que são ecossistemas naturais. As pradarias são o que destruímos para criar a agricultura moderna, a ideia é estudá-las e descobrir como a natureza funciona, e por que a natureza não requer pesticidas, fertilizantes químicos, projetos caros de irrigação e motores a gasolina e todo o resto, cria proteína ano após ano, após ano, é perene, pode durar milhões de anos, talvez não dure, mas ela consegue. Então, se realmente olharmos para a natureza como nosso padrão, como nossa medida, como nosso modelo, o que poderíamos aprender que poderia mudar drasticamente a agricultura que fazemos? Essa organização agora é um ator importante, uma força importante na influência da opinião pública e até da política, até certo ponto. As respostas não virão nos próximos cinco ou dez anos, levará muito tempo para chegar lá. A natureza leva muito tempo, nós também temos que levar muito tempo para descobrir como fazer essas coisas. Mas acho que este é um momento incrivelmente esperançoso e vejo essa organização dessa forma, ela trouxe tantos líderes mundiais importantes para lá ao

⁷ Worster fala do biólogo Wes Jackson, que co-fundou o The Land Institute em 1976 com Dana Jackson.

⁸ Worster é um dos "Emeritus Board Members" do Instituto (THE LAND INSTITUTE, Online).

longo dos anos, não acho que Paul Crutzen esteve lá, mas muitos outros, incluindo o Lutzenberger. Bem, eu mal o conheci, quero dizer, eu estava lá, claro, como membro do conselho, realmente conversei muito pouco com ele, ele parecia muito intenso e estava se preparando para falar, acho que estava concentrado nisso, então não consegui muitas palavras com ele, mas parecia um homem extremamente intenso e seu discurso foi, pelo que me lembro, faz muito, muito tempo, nos anos 1990, falou muito sobre produtos químicos. Ele trabalhou para empresas químicas, acho que foi para uma empresa alemã que trabalhou por muitos anos vendendo agroquímicos. Lembro de uma parte em que ele falou sobre a venda de alguns produtos químicos para um fazendeiro ou viticultor francês,

Esse fazendeiro estava espalhando produtos químicos por toda sua fazenda, agroquímicos que Lutzenberger vendeu para ele, e o Lutzenberger estava conversando com esse homem e disse "você não se preocupa em viver no meio de todos esses produtos químicos, o que isso fará com sua família?" e ele disse "não, as pessoas que devem se preocupar são as pessoas que bebem meu vinho". Lutzenberger ficou chocado com aquela resposta, ele achou tão egocêntrico, tão casual, ele pensou "eu não posso mais vender essas coisas, é assim que as pessoas pensam", e então ele se demitiu. Eu lembro dessa história, do porquê ele entrou nessa, voltou pro Brasil e se tornou ativo e, claro, tornou-se secretário do seu Programa de Proteção Ambiental por dois anos, e nós o conhecemos logo depois que ele saiu daquele emprego. O público ficou realmente inspirado por sua fala, ele era um homem tão intenso e articulado que podia falar com tanta fluência e força sobre o que havia feito, e tinha essa autenticidade, um homem que realmente estava por aí, fazendo o trabalho do diabo, você pode dizer, eu não gosto de usar essa linguagem, mas, ainda assim, mudou sua vida e seguiu uma direção diferente abruptamente. Ele foi muito inspirador para as pessoas de lá, porque é exatamente isso que o Land Institute diz que precisamos mais. Isso é tudo que posso te dizer, mas o Land Institute é uma organização que vale a pena acompanhar, também desenvolveu lotes de novas plantas com grande potencial de produção de proteínas, plantas perenes e não plantas anuais, e as plantou em várias partes da América do Sul, agora existe um tipo de programa semelhante na China com o arroz.

A maior parte disso é simplesmente tentar voltar às plantas que não precisam de toda a ajuda tecnológica moderna, plantas que são perenes e que a cada ano continuem crescendo e crescendo, por muito tempo achamos que eram plantas inúteis, porque não produziam tanto quanto as plantas anuais, que são plantadas todos os anos, a semente, nutrita, colhida, e então você começa tudo de novo, é este ciclo anual que está, de certa forma, no cerne de nossos problemas na agricultura mais do que qualquer outra coisa, a natureza geralmente não funciona assim, seus ecossistemas são geralmente perenes, podem se manter, como eu disse, por muito tempo. Mas essa é a pergunta que devemos fazer a nós mesmos, e acho que precisamos de todos os tipos de instituições privadas, pessoas pensando sobre, para nos fazer essa grande pergunta e espero que nossos historiadores possam ajudar a responder: o que vai ser preciso, não só para tornar a agricultura perene e ecológica, o que será necessário para tornar perene, sustentável e ecológico todo o nosso modo de vida tecnológico?

ENTREVISTADOR 2: Olhando para o que já foi feito pelos historiadores ambientais, quais pesquisas você acha que ainda deveriam ser feitas? Ou quais temáticas, regiões, fontes históricas ainda são pouco exploradas pela história ambiental na sua visão?

WORSTER: Bem, todas as regiões do planeta estão recebendo atenção agora, quero dizer, há livros que estão saindo sobre o Estreito de Bering, ou sobre o Oriente Médio, todos os países islâmicos, bem como sobre partes da China, etc. Não acho que esteja faltando uma

região hoje, mas ainda há trabalho a ser feito em toda a Eurásia, nas Américas e assim por diante. A demografia ainda está faltando em nosso campo, ela é politicamente suspeita, parece, para a maioria das pessoas ter algo a ver com racismo ou os nazistas, não sei como chegamos a esse estado ridículo, mas claramente temos que pensar sobre o número de pessoas que o planeta, quero dizer, esta é a nossa maior história de sucesso e acho que quando a abordamos, é uma das coisas que podemos fazer por outros historiadores, que também não conseguiram explicar tanto. Acho que não entendemos muito bem a Revolução Industrial, acho que não entendemos muito, não conseguimos explicar as coisas, descrevemos muito, mas não explicamos, mas acho que encontraremos na demografia uma explicação poderosa para tantas grandes e importantes transformações que acontecem na Terra.

Há tantas coisas que você não pode fazer sem mais pessoas, ou que você pode fazer com mais pessoas, sabe, esse é um determinante muito importante, uma força motriz neste planeta que temos que entender. Não é tanto que negligenciamos várias partes do mundo, embora provavelmente haja lugares que tenham ótimas histórias para serem contadas, mas também precisamos juntá-las e precisamos falar sobre o planeta, não apenas sobre esse vale ou aquela floresta, mas precisamos falar sobre o planeta como um todo, e isso vai exigir algumas habilidades de síntese, livros, artigos, que realmente nos levem para fora de nossos limites e vão de um lugar para outro; acho que temos alguns modelos disso, mas precisamos de muito mais. Eu realmente não posso acrescentar muito mais do que isso, acho que é o suficiente para dizer por agora, mas esta é uma grande questão para nós: o que precisamos fazer a seguir? Basicamente, o que estamos fazendo está tendo êxito, não consigo pensar em uma grande universidade nos Estados Unidos da América atualmente que não reconheça e não tenha historiadores ambientais. Então vamos continuar fazendo isso, ensinando o público interessado no que escrevemos, eles acham que é um tipo de história que faz sentido, que é mais valiosa do que reescrever a história da Guerra Civil Americana de novo e de novo e de novo, apenas para vender livros. Acho que estamos indo muito bem.

ENTREVISTADOR 3: Ainda nesse sentido, qual é a sua opinião sobre o papel político da história ambiental frente a situação cada vez mais urgente do aquecimento global, mudanças climáticas e extinção das espécies?

WORSTER: Bem, geralmente não gosto de pensar que a história ambiental pertence a essa ou aquela visão política. Minha opinião desde o início foi: vamos ter antiambientalistas no campo e vamos ter ambientalistas, vamos fazer todo mundo falar sobre isso e criar isso, não vamos deixar ninguém de fora, se você diz que isso é história ambiental, tudo bem, eu vou ouvir você. Eu não vou estabelecer um portão ou medição política para determinar se você está de acordo com minhas opiniões. Algumas pessoas, como eu disse, estão pensando que a justiça ambiental é o único padrão que podemos ter, tudo que escrevemos deveria ser sobre justiça, eu não compro isso, acho que está errado e é estreito.

Nenhum partido político, nenhuma ideologia política, seja de esquerda ou de direita, deveria controlar a história ambiental, deve ser um campo aberto onde discutimos, debatemos e falamos sobre essas coisas, mas geralmente acho que descobriremos que a maioria das políticas e ideologias são secundárias em relação ao que precisamos fazer e pensar, eles não são onde começamos, eles são o que vamos trazendo ao longo do caminho. Então, realmente não acho que de alguma forma todos nós deveríamos nos tornar marxistas verdes ou algo assim, acho essa ideia repulsiva. Eu simplesmente não vejo como poderíamos criar uma história ambiental que funcionasse bem para todos e que realmente mudasse a maneira como as pessoas pensam, se apenas a vincularmos a alguma visão política ou não.

Isso não quer dizer que o que escrevemos não tenha implicações políticas, mas que outras pessoas pensem e tragam isso à tona. Estou cada vez mais inclinado a manter minhas opiniões para mim mesmo sobre o que deve ser feito. Eu sou um historiador, não preciso ter uma resposta para o que deve ser feito, você descubra, essa é a minha resposta para a maioria das pessoas, você que descubra. Nem sei se a mudança climática ou os problemas climáticos são um problema tão grande quanto as pessoas dizem que são, sei que há uma política aqui, mas como o conceito de antropoceno, apenas digo que sou agnóstico, que não sei. Eu não tenho que responder a essas perguntas, elas não fazem parte do que preciso fazer, do que precisamos fazer, precisamos manter nossa atenção fixa em nossos colegas, que escrevem a história, que leem história, as pessoas que leem história e a escrevem e dizer: "ei pessoal, abram a janela, abram a porta e saiam, olhem em volta, vocês vão ver uma coisa que faz parte, deveria fazer parte da História". Isso é tudo que precisamos continuar dizendo de novo e de novo, vá lá fora, você encontrará algo muito mais interessante para pensar do que jamais pensou antes, é tudo o que precisamos dizer. Não dê ouvidos à minha política ou como eu voto ou o que eu acho que deve ser feito, deixo isso para outras pessoas e para o público em geral, e acho que não nunca é demais, ter muitas pessoas envolvidas nessas discussões, mas enquanto isso, o que me interessa, o que eu acho que como historiadores nós precisamos, é apenas abrir a porta e ir lá fora sujar os sapatos e realmente cavar e ver o que entendemos como o contexto para todos os tipos de coisas acontecendo.

ENTREVISTADOR 1: Professor, você mudaria algo na sua trajetória, se tivesse a chance de começar tudo de novo?

WORSTER: Bem, eu gostaria de não ter crescido com as doenças que tive, é claro, mas isso não é algo que eu pudesse mudar. Acho que o que provavelmente mudaria é que faria um trabalho melhor para entender as ciências naturais, eu me prepararia para conhecer e entender as ciências naturais melhor, quero ser um aliado de trabalho das ciências. Vejo a história ambiental como parceira natural das ciências e devemos valorizar isso, muitos dos meus colegas na história odeiam a ciência, eles realmente odeiam, eles acham até que é perverso. Acho que é o contrário, devemos fazer parte e ser parceiros dos nossos amigos das ciências, dar aulas conjuntas com eles, eu já fiz isso, mas principalmente para nos educarmos muito mais. Isso é difícil, você tem que ler todos aqueles livros sobre a Guerra Civil, ou você tem que ler todos aqueles livros sobre a Revolução Industrial, mas acho que precisamos encontrar um tempo para construir um conhecimento melhor de trabalho no campo das ciências naturais, isso é o que eu tentaria fazer melhor do que fiz.

Provavelmente, estudaria línguas estrangeiras. Não sou bom nisso, dá muito trabalho, leva muito tempo, não sei qual escolher, qual não tenho que saber, então fico com preguiça.

Mas vamos aproveitar este tempo da história para reformá-la, derrubando os muros que existem, não construindo muros.

ENTREVISTADOR 1: Quais são suas palavras finais?

WORSTER: Devo dizer, estou nesse campo ambientalista há 50 anos e ainda me sinto um estudante de pós-graduação, sentado em um seminário, esperando que as pessoas abram suas mentes para algo mais. Ainda sou um estudante de pós-graduação, ainda tentando entender o que tudo isso significa, se ajudei alguém ao longo do caminho, é apenas como outro aluno de pós-graduação tentando descobrir as coisas, por que me sinto assim? Por que eu quero ir por esse caminho?

Os últimos 50 anos, porém, foram extraordinários na vida intelectual deste planeta, 50 anos atrás não pensávamos muito sobre essas questões, hoje pensamos nelas o tempo

todo, estão todos os dias na primeira página do jornal. A questão fundamental deste século, o século XXI, é claramente se podemos viver neste planeta sem destruir nosso sistema de suporte de vida, conduzir nossas vidas aqui com sucesso e dar a todos um padrão de vida decente. Quando volto 50 anos atrás, volto para, me ocorreu agora, um livro muito importante para mim foi um chamado *Only One Earth* [Uma Terra somente, edição em português], foi escrito por Barbara Ward, da Grã-Bretanha, uma economista e René Dubos, um franco-estadunidense da Columbia Rockefeller University em Nova York, que era um microbiologista. Eles escreveram esse livro juntos como um relatório da primeira grande conferência internacional sobre o meio ambiente, a Conferência de Estocolmo (1972, organizada pela ONU). Essa conferência foi cheia de conflitos, de pessoas apontando o dedo umas para as outras. Esse livro é uma primeira versão. Bem, em algum lugar deste livro, Barbara Ward e René Dubos dizem algo assim: hoje ou no futuro, todo homem - eles usaram a palavra homem, tenho certeza, o sexo é denominado - todo homem terá dois países, o seu e o planeta Terra. E pensei que esse era o tipo de História que eu queria fazer, talvez não apenas um país, eu tenho pelo menos dois, três, quatro, cinco, eu incluiria o Brasil. Amo a Holanda, a Alemanha tem sido boa para mim, Zimbábue, tive ótimas experiências lá, para cima e para baixo nas Américas, Ilhas da Polinésia, Nova Zelândia, mesmo que hoje em dia eu passe muito mais tempo no leste da Ásia do que nunca, mas o que quero dizer é que todos esses são meus países e acho que devemos começar a partir daí.

O primeiro princípio da história ambiental é livrar-se dessas fronteiras nacionais, parar de pensar apenas em termos dessas fronteiras nacionais, tudo que se fala em história ambiental ultrapassa essas fronteiras e as ignora. Então temos que aprender a ver o mundo historicamente, mas não apenas como um mapa político de estados-nação, porque eles estão quebrando, eles já estão mudando e o mais importante é, em vez de ver essas fronteiras políticas, ver que o planeta é absolutamente único, não apenas no sistema solar, mas possivelmente em todo o Cosmos.

Não há nada como a Terra que tenhamos descoberto em qualquer outro lugar, ainda podemos encontrar algo próximo a ela, mas nunca encontraremos algo assim e suspeito que se encontrarmos algumas bactérias crescendo em Marte, haverá muito alvoroço, mas Marte não é a Terra. O que estou dizendo aqui é que a Terra é o planeta mais criativo que conhecemos, que podemos sequer imaginar, não apenas criou a vida neste planeta, como sugere a Hipótese de Gaia, mas incluiu cérebros, humanos, isso é uma criatividade incrível, é impressionante a criatividade que aconteceu neste lugar, a criação, a destruição, a recriação. Então eu acho que quando você entende o planeta dessa forma, não há nenhum estado-nação que possa se comparar e acho que pensar sobre o planeta é, na verdade, uma fonte de grande esperança.

É isso que me mantém como um velho estudante de pós-graduação, ainda procurando um emprego, podemos criar uma nova maneira de pensar sobre a história e o passado e podemos criar uma que ajude nossas sociedades, mas principalmente que ajudará o planeta a progredir e renovar sua criatividade, e não a sufocar. Provavelmente, como Lovelock diz, não há como destruir esta Terra, é muito grande e complicada para nós. Existe há 4,6 bilhões de anos e ainda estará aqui por muito tempo. Então, foi preciso um pós-graduando na década de 1960 para começar a seguir esse caminho e muitas outras pessoas se juntaram a ele e acho isso incrível, realmente incrível. Eu nunca poderia ter imaginado sentar aqui conversando com três pessoas como vocês, pessoas inteligentes e alegres de um país distante, falando sobre um tipo de História que precisamos para nossos tempos.

Algumas pessoas dizem "ah, é deprimente aprender sobre tudo isso", eu digo, não, isso é a coisa mais divertida que há, eu saio, ando por aí, vou a lugares interessantes, viajo

pelo mundo, tenho uma vida que a maioria dos historiadores não pode desfrutar, e devo isso ao próprio campo, é onde ele me leva, então, continuo procurando por um pouco de diversão. Vamos fazer isso, eu tenho um livro restante, estou tentando escrevê-lo agora, é chamado provisoriamente, mas os editores podem mudá-lo algum dia, *Planet of Desire* [Planeta do Desejo], e é sobre nossa natureza humana e seu papel, não apenas vulcões, climas, oceanos e assim por diante, mas o que está dentro de nós faz parte desse mundo natural e teve um efeito profundo na recriação do planeta. Quero escrever uma história planetária agora, acho que é uma possibilidade real para que outros se juntem a mim, pensar na história planetária, não apenas na história de nossos países individuais.

ENTREVISTADOR 1: Muitíssimo obrigada Professor Worster, por essa entrevista incrível, não temos palavras para lhe agradecer por tudo, pelas suas publicações, seus pensamentos, tudo o que você fez pela história ambiental é muito importante para nós.

WORSTER: Bem, é muito gentil e generoso da sua parte dizer isso, foi um prazer conversar com vocês e espero poder vê-los no Brasil algum dia, ou nas ruas de Oregon talvez. Meus cumprimentos calorosos aos historiadores brasileiros e gratidão por vocês também terem se interessado por esses tópicos.

REFERÊNCIAS

- CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa.** São Paulo: Gaia, 2010.
- FLADER, Susan. *In Memoriam: John Opie. 1934-2018.* **Environmental History**, v. 24, p. 5-8, 2019.
- MEADOWS, Donella H. et al. **Limites do crescimento.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- MORGAN, Edmund. **American Slavery, American Freedom: The Ordeal of Colonial Virginia.** New York: W. W. Norton & Company, 1975.
- MORGAN, Edmund. **Benjamin Franklin.** Yale University Press, 2002.
- THE LAND INSTITUTE. About us. Disponível em: <https://landinstitute.org/about-us/board-of-directors/>. Acesso em 18 jul. 2023.
- WARD, Barbara; DUBOS, René. **Uma Terra Somente.** São Paulo: Edgard Blücher, Editora Melhoramentos, Editora da USP, 1973.
- WERNER, Dennis. Marvin Harris (1927-2001). **Ilha**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 155-159, jul. 2002.
- WORSTER, Donald. **Nature's Economy: A History of Ecological Ideas.** [1977] Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- WORSTER, Donald. **Dust Bowl: The Southern Plains in the 1930s.** New York: Oxford University Press, 1979.
- WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.
- WORSTER, Donald. **A River Running West: The Life of John Wesley Powell.** New York: Oxford University Press, 2001.
- WORSTER, Donald. **A Passion for Nature: The Life of John Muir.** New York: Oxford University Press, 2008.
- WORSTER, Donald. **Shrinking the Earth: The Rise and Decline of Natural Abundance.** New York: Oxford University Press, 2016.
- WORSTER, Donald. Ecological civilization. **Springs.** Rachel Carson Center Review. Munich, no. 2 (December 2022). Disponível em: <https://springs-rcc.org/ecological-civilization/>. Acesso em 19 jul 2023.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Donald Worster: Doutor. Hall Distinguished Professor of American History da Universidade do Kansas; Professor Sênior da Escola de História da Universidade Renmin da China. Kansas, Estados Unidos e Renmin, China.

Elenita Malta Pereira: Doutora. Professora Adjunta, Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Curso de História, Rondonópolis, MT, Brasil.

Denis Henrique Fiúza. Doutorando. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, SC, Brasil.

Sara Rocha Fritz. Mestranda. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, SC, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Av. dos Estudantes, 5055 - Cidade Universitária, Rondonópolis - MT, 78736-900.

AGRADECIMENTOS

Os entrevistadores Elenita, Denis e Sara agradecem ao entrevistado Donald Worster pela generosidade e disponibilidade.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

PREPRINT

A entrevista não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Elenita Malta Pereira, Denis Henrique Fiúza e Sara Rocha Fritz. Esta entrevista está licenciada sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Jo Klanovicz
Beatriz Mamigonian

HISTÓRICO

Recebido em: 20 de julho de 2023
Aprovado em: 12 de janeiro de 2024

Como citar: PEREIRA, Elenita M.; FIUZA, Denis H.; FRITZ, Sara R. Por uma história ambiental planetária. *Esboços*, Florianópolis, v. 31, n. 56, p. 117-141, 2024. [Entrevista concedida a]